

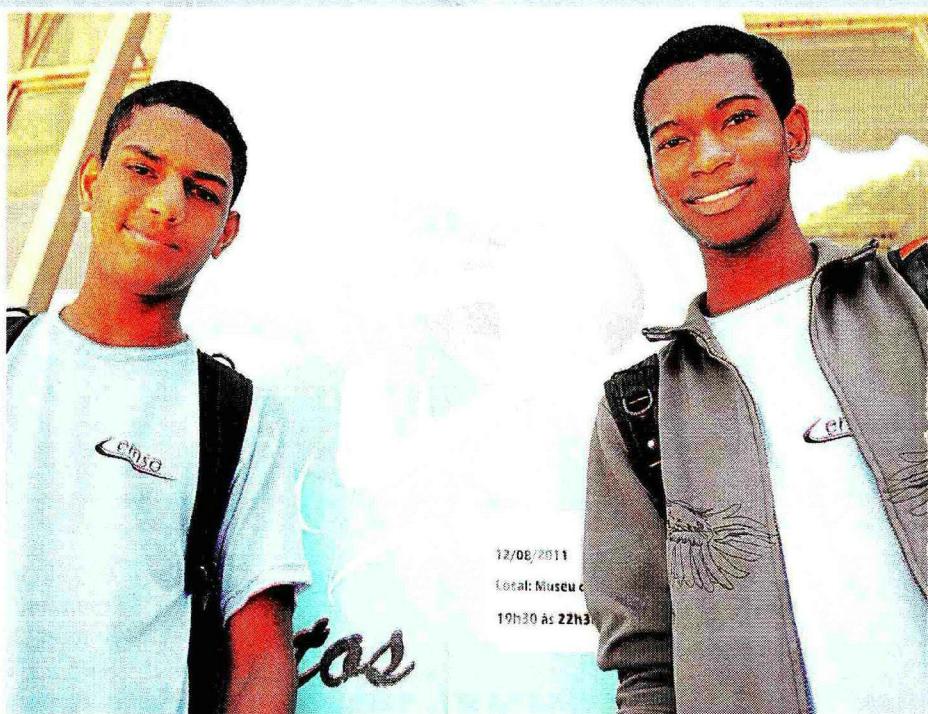
Geração de campeões

Já no segundo ano de funcionamento, em 1986, o então aluno do terceiro ano do ensino médio Laerte Ferreira Morgado conquistava o primeiro lugar geral no vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Em 1987, tivemos 80% dos nossos alunos aprovados na UnB", contabiliza Sabino.

Após terminar o curso de engenharia da computação na Unicamp, Laerte Morgado quis dar voos mais altos: fez especialização em engenharia elétrica e aproveitou uma oportunidade para trabalhar em uma empresa especializada na criação de softwares e algoritmos em Dallas, nos Estados Unidos. Quando completou 10 anos fora, resolveu que era hora de voltar ao Brasil. "Procurei emprego na área de informática, mas achei o mercado fraco e decidi tentar concurso público", conta. Durante os três meses de cursinho, Morgado estudou cerca de 10 horas diárias — e

conseguiu a 19ª vaga no Tribunal de Contas da União, em 2000. Nove anos depois, veio o primeiro lugar no concurso do Senado Federal. Hoje em dia, Laerte é aluno de novo — desta vez, de direito na UnB. "Sempre estudei muito por conta própria, mas o Cemso fez a diferença porque me orientaram bem. Eles tinham vocação para o ensino", comenta. "Se eu tivesse estudado em outra escola, talvez teria demorado mais para chegar aonde estou."

Hoje autor de romances (*O mundo de vidro*, publicado este ano e *Ainda não te disse nada*, programado para novembro), compositor, baterista e auditor do Tribunal de Contas da União (TCU), Mauricio Gomyde também se lembra com saudade da época em que estudava no Cemso. Gomyde fez parte da primeira turma de alunos que cursaram todo o ensino médio no colégio, de 1986 a 1988. Por meio de uma amiga, ele conta que a mãe ficou sabendo



Otniel e Talisson: história do colégio é sempre lembrada no primeiro dia de aula

de um novo colégio público nos moldes do que ela chamava "antiga escola pública", onde o ensino era igual ou até mesmo superior ao das escolas particulares. "Fiz uma seleção, como um vestibular. Lembro que não foi uma seleção fácil, e isso acabou garantindo um bom nível dos alunos a ingressarem na escola", relembra.

Assim como Laerte, Gomyde conta que era um aluno aplicado. Além de atender às aulas "puxadas", ele invariavelmente ficava na escola para as atividades da tarde. "Havia a preocupação de incutir na cabeça dos alunos essa responsabilidade, e não por meio da cobrança pura e simples", completa. Conceitos como participação e importância de atividades em grupo também eram estimulados pelo colégio. Ele lembra que, além da logo do Cemso, o modelo e as cores do uniforme foram escolhidos por meio de um concurso interno entre os alunos. "Também tínhamos aula de filosofia e os dias culturais, em que a participação era sempre intensa, tanto dos alunos quanto dos professores." Depois da formatura, Gomyde cursou engenharia mecânica, na UnB — sem precisar de cursinho pré-vestibular. "Ainda hoje

há encontros de ex-alunos e é unâni-me a opinião de que jamais veremos escola melhor do que aquela que estudamos", conta, saudoso.

Quem está chegando agora

Talisson Cinha Mendes, 17 anos e aluno do último ano do Cemso, conta que a história do colégio é sempre lembrada pelos professores no primeiro dia de aula. Talisson já passou por três outros colégios públicos e não tem dúvidas: a diferença está nos professores. "Eles são muito amigos da gente, isso cria uma facilidade de aprendizado", opina. "Nas outras escolas, os professores tinham uma relação não muito amigável com os alunos." Esforçado, ele diz que as aulas serão suficientes para garantir a vaga que deseja, em comunicação social. Otniel Santos de Oliveira, também 17 anos e aluno da escola, concorda. "Quero fazer administração e acredito que não será necessário cursinho", diz, confiante. Para ele, saber diferenciar — e valorizar — professores bem qualificados é essencial para qualquer pessoa que queira realmente se destacar. "Quando comparo o conteúdo daqui com o de outras escolas, dá para ver que estamos bem à frente."

Fotos: Bruno Peres/CB/D.A. Press



Ex-aluno Laerte Ferreira: 1º lugar na Unicamp, em 1986